





**ARTIGO - ARTICLE - ARTÍCULO****Epizootias no estado de Sergipe, 2019-2023**

Epizootics in the state of Sergipe, 2019-2023

Epizootias en el estado de Sergipe, 2019-2023

Júlio César Rabêlo Alves<sup>1</sup> , Clara Aleida Prada Sanabria<sup>2</sup>   
Giulia Catharina Faleta Gabriel Bonfim<sup>3</sup> , Emerson Gomes Garcia<sup>2</sup> 

1 - Ministério da Saúde, Brasília, Distrito Federal, Brasil

2 - Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil

3 - Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil

**RESUMO**

**Objetivo:** Descrever as epizootias no estado de Sergipe, no período de 2019 a 2023, e criar uma proposta de ampliação da vigilância de epizootias no estado. **Métodos:** Estudo descritivo, com abordagem quantitativa, a partir dos dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação exportados da Secretaria de Saúde do estado de Sergipe no final da 41ª Semana Epidemiológica. Além disso, foram utilizados os dados de raiva animal e da Febre Oropouche disponibilizados no site do Ministério da Saúde e no Gerenciador de Ambiente Laboratorial estadual. As ferramentas TABWIN do DATASUS e o Microsoft Excel foram usadas para a tabulação do número total de casos por ano. **Resultados:** Foi perceptível uma baixa qualidade na notificação e apenas foram registrados 4 casos de investigações de epizootias, entre 2019 e 2023. Além disso, 2 casos foram registrados como suspeitos para a Febre Amarela, nesse mesmo período. O estado de Sergipe não teve nenhuma ocorrência da circulação viral das Encefalomielite Equina do Oeste, do Leste e Venezuelana, e nem da Peste, Febre do Nilo Ocidental e da Febre Mayaro. Entretanto, a raiva é a doença que mais acometeu os animais e, em 2024, até então, tem 3 casos positivos em bois e 2 em cavalos. Outrossim, para a Febre Oropouche já se tem 34 casos positivos em humanos. **Conclusão:** É necessário intensificar o processo de educação em saúde para a comunidade, com o propósito de conscientizar quanto importância da vacinação, reforçar a importância da vacinação para o controle da febre amarela, melhorar o processo de educação continuada dos trabalhadores de saúde e reforçar o papel da vigilância em saúde, de modo a prevenir novos casos de epizootias no estado de Sergipe.

**Palavras-chave:** Vigilância Sanitária Ambiental; Sistema de Vigilância em Saúde; Doenças dos Animais; Epizootias.

**Histórico do Artigo**

Recebido 13 Dezembro 2024  
Aprovado 26 Dezembro 2024

**Correspondência**

Júlio César Rabêlo Alves  
Centro de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UEFS, Módulo VI  
Av. Transnordestina s/nº, Novo Horizonte  
CEP: 44036-900 - Feira de Santana, Bahia.  
E-mail: juliocesarrabeloalves@gmail.com

**Como citar**

Alves JCE, Gabriel Bonfim GCF, Sanabria CAP, Garcia EG. Epizootias no estado de Sergipe, 2019-2023. Rev. Saúde Col. UEFS 2014; 14(4): e11493.



## INTRODUÇÃO

A palavra epizootia conceitua uma doença ou morte de animal, ou ainda de grupo de animais, que possa apresentar riscos à saúde pública. Ao definir a Lista Nacional de Notificação Compulsória de doenças, agravos e eventos de saúde pública, o Ministério da Saúde (MS) inclui as epizootias e a define<sup>1</sup>.

Diversos animais que vivem livremente na natureza, ou mesmo os que se encontram em convívio com humanos podem servir como reservatórios para zoonoses. Ao final da década de 90, a partir do aumento do número de casos da Febre Amarela Silvestre, na qual diferentes espécies de mosquitos dos gêneros *Haemagogus* e *Sabethes* atuam como vetores e primatas não humanos (PNH) participam como hospedeiros, o MS estruturou a Vigilância de Epizootias, no Brasil<sup>2,3</sup>. Então, o papel da vigilância surge para monitorar esse ciclo e evitar/diminuir a transmissão urbana, do tipo homem-mosquito-homem, no qual *Aedes aegypti* é o principal vetor.

Desse modo, a detecção precoce da circulação viral deve ser adotada, a fim de monitorar as áreas de risco e de aplicar oportunamente medidas de prevenção e controle, com o objetivo de diminuir a morbimortalidade da doença na população humana<sup>2</sup>. Nesse sentido, reforça-se a importância das notificações dos casos de doenças ou mortes em primatas para que se inicie uma investigação e intervenção no local. Os casos de epizootias em PNH devem ser registrados no Sistema de Informação de Saúde Silvestre (SISS-Geo, disponível no endereço eletrônico: <https://sissgeo.lncc.br/>)<sup>3</sup>. Outrossim, é fundamental uma atuação integrada com a vigilância entomológica para o controle vetorial, dos mosquitos e, desse modo, evitar/diminuir a transmissão viral.

É sabido que a Febre Amarela (FA) é a principal doença relacionada às epizootias em PNH (macacos) e, nos humanos, apresenta manifestações clínicas que se iniciam com uma febre aguda, acompanhada de icterícia e/ou hemorragias. O processo de notificação dos casos suspeitos, em até 24 horas, tem que ser seguido da inclusão no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) e, assim, inicia-se a investigação. Pacientes que se deslocaram para locais com risco de transmissão 15 dias antes de manifestar os sintomas e não têm histórico de vacinação tornam-se suspeitos para a doença<sup>3</sup>.

Ademais, outra doença para o monitoramento de epizootia é a Febre do Nilo Ocidental (FNO). Seu vírus é do mesmo gênero da dengue, febre amarela e Zika, o *Flavivirus*, e o seu ciclo de transmissão envolve aves silvestres e mosquitos. O principal gênero envolvido é o *Culex*, da espécie *Cx. quinquefasciatus*, a popular “muriçoca”. Além disso, merece destaque também o *Aedes albopictus*, como um dos principais vetores do vírus entre aves e de aves para os mamíferos, como os cavalos, em que já foram registrados casos em alguns estados do Brasil. Assim como os equídeos, o ser humano é tido como hospedeiro acidental, já que não transmitem o vírus para o mosquito, e as principais manifestações clínicas variam

desde a uma “leve” febre até um quadro grave, como uma doença neurológica severa (meningite, encefalite ou paralisia flácida aguda), essa que é menos frequente<sup>3</sup>.

Além dessas, outras arboviroses que são importantes para o monitoramento de epizootias são: a Encefalomielite Equina do Oeste (EEO), do Leste e Venezuelana; a Febre Oropouche; e a Febre a Mayaro, todas de notificação compulsória<sup>4</sup>. Nesse ínterim, a Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS) alertou quanto ao risco para a saúde humana com a circulação do vírus da EEO na Argentina e no Uruguai. Inclusive, com a confirmação, no final do ano de 2023, de casos confirmados em humanos e uma morte todos no território argentino<sup>5</sup>.

Tem-se relatados entre os estados brasileiros, casos isolados e surtos da Febre Oropouche entre humanos, doença essa em que a epizootia deve ser monitorada por dispor de um ciclo silvestre, com os bichos-preguiça e primatas não-humanos atuando como hospedeiros<sup>6</sup>. Já, a Febre Mayaro tem um ciclo parecido com a Febre Amarela, inclusive, tendo sido descrito a ocorrência concomitantes de surtos dessas duas doenças no Brasil<sup>7</sup>.

Por fim, a Raiva, a Peste e a *Influenza* são outras doenças e agravos em animais que são monitoradas pela Vigilância do Ministério da Saúde brasileiro<sup>4</sup>. Portanto, devido à relevância do monitoramento e da notificação de epizootias para saúde pública, sendo importante para evitar casos em humanos, este artigo tem o objetivo de descrever as epizootias no estado de Sergipe, no período de 2019 a 2023, e criar uma proposta de ampliação da vigilância de epizootias no estado.

## MÉTODOS

Foi realizado um estudo descritivo das epizootias no estado de Sergipe, no período de 2019 a 2023. A abordagem foi predominantemente quantitativa, a partir da utilização dos dados secundários do Sistema de Informação de Agravos de Notificação – SINAN NET, para a investigação de epizootias em animais e os casos de febre amarela em humanos, exportados da Secretaria de Saúde do estado de Sergipe, no dia 12 de outubro de 2024, completada a 41ª Semana Epidemiológica (SE). Além disso, foram utilizados os dados de raiva animal disponibilizados no site do Ministério da Saúde – MS<sup>8</sup> e no Gerenciador de Ambiente Laboratorial (GAL) estadual (disponível em: <https://gal.sergipe.sus.gov.br/>).

Foi utilizado o GAL também para as confirmações recentes da Febre Oropouche, com o intuito de aprimorar as discussões em relação ao cenário das epizootias no território sergipano. Para a tabulação dos dados, foram utilizadas as ferramentas TABWIN do DATASUS e o Microsoft Excel, e no levantamento das investigações das epizootias em animais foram considerados o número total de casos por ano, o tipo de animal acometido, o município de notificação e a suspeita diagnóstica. Para os dados da Febre Amarela, foram utilizadas as variáveis anuais de: faixa etária, sexo, município de

residência, informação de imunização, critério diagnóstico, sinais de agravamento e evolução da doença. As demais epizootias relacionadas às arboviroses não tiveram casos confirmados no estado de Sergipe.

Por não conter informações individuais, este produto não se enquadra nas condições exigidas para registro e análise do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

O levantamento dos dados evidenciou que, de 2019 até o ano de 2023, foram registrados 4 casos de investigações de epizootias, sendo 2 em 2019, em Primatas Não Humanos com a suspeita de Raiva, e 2 casos, em 2020. Devido a uma baixa qualidade na notificação, muitas informações foram descritas como “ignoradas/em branco” (Quadro 1).

**Quadro 1.** Levantamento das Investigações de Epizootias, Sergipe, 2019 e 2020

Ano	2019	2020
Nº. de casos	2	2
Animal acometido	PNH	Ign/Branco
Município de notificação	Aracaju (1) São Cristóvão (1)	N. S. do Socorro (2)
Suspeita diagnóstica	Raiva	Ign/Branco

Fonte: SINAN Sergipe.

Nesse sentido, a falta de detalhamento de uma informação compromete a capacidade de respostas perante os casos, daí a necessidade de uma qualificação da ficha de notificação e das investigações para a adoção as medidas de prevenção e controle da doença de forma adequada. Além disso, o uso de Sistemas de Informações Geográficas, como o SISS-Geo, tornou-se uma ferramenta tecnológica importante para a investigação de epizootias e compreensão epidemiológica da Febre Amarela, por exemplo, a partir do cruzamento das informações dos locais informados com a presença do animal silvestre<sup>2</sup>.

É relevante ressaltar que o estado de Sergipe é caracterizado pelo alto consumo de caranguejos, devido à presença de manguezais, além de possuir uma vegetação diversa, mas que sofre com as ações do desmatamento. Calcula-se que apenas 5% da mata primitiva ainda pode ser encontrada no território sergipano e esse fato se reflete na fauna, ameaçando a sobrevivência de algumas espécies<sup>9</sup>. Esse desequilíbrio ambiental, impacta no surgimento das epizootias, inclusive pelo aumento do número de vetores (mosquitos), frequentes no estado sergipano. Em relação a presença de animais, de acordo com o SISS-Geo, tem-se o registro de aves e Micos/Saguís disponível no endereço eletrônico: <https://sissgeo.lncc.br/>.

Assim, doenças acometem os seres humanos por sua própria ação, primeiro pelo impacto negativo que muitas pessoas causam no meio ambiente e, segundo, pela ignorância em resistir ao esquema vacinal. No livro “A República”, de Platão, em diálogo com Glauco, Sócrates diz: “[a lei] não é para lhes dar liberdade de se voltarem para o lado que lhes agrada, mas para os levar a participar na fortificação do laço do Estado”<sup>10:304</sup>.

Portanto, é preciso que o ser humano ascenda a esse poder de liberdade de escolha em prol do bem coletivo e, no âmbito da saúde, este fato se assemelha ao ato de se vacinar para conter o avanço de uma doença. Como exemplo, para a prevenção e controle de surtos da Febre Amarela, a vacina é a principal ferramenta<sup>3</sup>. Entretanto, casos suspeitos dessa doença ainda surgem – e um dos fatores é proveniente da não vacinação –, mas que poderiam ser evitados. Dados demonstram que, dos últimos cinco anos completos, de 2019 a 2023, dois casos foram registrados como suspeitos para a FA, em Sergipe, o mais recente, no ano de 2021, em um paciente na faixa etária entre 20 e 34 anos, não vacinado, do sexo masculino, que precisou ser internado devido a sinais hemorrágicos e evoluiu para a cura. O Quadro 2 compara os casos de 2019 e 2021, em relação às variáveis referidas.

**Quadro 2.** Descrição dos casos suspeitos de Febre Amarela, Sergipe, 2019 e 2021

Febre amarela	Casos 2019	Casos 2021
Faixa etária	01-04 anos	20-34 anos
Sexo	Feminino	Masculino
Município de residência	Lagarto	São Cristóvão
Vacinação	Ign/Branco	Não
Critério de Confirmação	Laboratorial	Clínico-epidemiológico
Sinais hemorrágicos e hospitalização	Sim	Sim
Cura	Sim	Sim

Fonte: SINAN Sergipe.

Dessa forma, Casali et al.<sup>11</sup> consideram a importância de traçar um perfil epidemiológico para uma atuação precisa frente aos grupos mais vulneráveis e este fato depende de uma boa qualificação da ficha de notificação, para posterior análise das variáveis, a partir da implementação de programas de educação permanente para os profissionais de saúde. Além disso, os autores citam que é preciso um fortalecimento da vigilância de epizootias e entomológica para detecção precoce da circulação viral, traçando as áreas de risco para a febre amarela.

Neste ínterim, o levantamento dos dados epizooticos e epidemiológicos em Sergipe não registraram nenhuma ocorrência da circulação viral das Encefalomyelites Equina do Oeste, do Leste e Venezuelana. Vasconcelos et al.<sup>12</sup> relatam

que no Brasil o potencial desses arbovírus está na região da Amazônia, causadores das encefalites em cavalos e até mesmo em aves, através dos mosquitos (vetores).

Do mesmo modo, não foram registrados casos de epizootias por Peste em Sergipe, doença essa que chegou ao Brasil, no final do século XIX, através do comércio marítimo<sup>13</sup>. Com relação à *Influenza*, seu próprio nome popular “gripe suína” já manifesta seu perfil epizootico atrelado, dentre outros animais, ao porco. Nesse caso, a vacina é uma das formas mais eficazes de prevenção, com campanhas anuais.

Ademais, outra doença epizootica é a raiva e, no estado de Sergipe, os últimos registros em animais, de acordo com os dados do Ministério da Saúde, foram em 2016, com 17 casos no total e, em 2017, com 3 casos no total (Tabela 1). Nesse combate, da raiva humana e animal, a principal medida profilática é a vacinação para cães e gatos, anualmente. Assim, segundo o MS<sup>8</sup>, o Brasil está há quase dez anos sem a transmissão de raiva humana por cães, mas uma das grandes preocupações são com os quirópteros (morcegos).

**Tabela 1.** Casos de Raiva Animal, Sergipe, 2016 e 2017

Ano	Canina	Felina	Bovina	Equina	Total
2016	1	1	13	2	17
2017	1	1	1	0	3

Fonte: Ministério da Saúde<sup>8</sup>.

Entretanto, segundo o registro estadual no Gerenciador de Ambiente Laboratorial – GAL (disponível em: <https://gal.sergipe.sus.gov.br/>), anualmente são computadas as positivities da raiva em bois (com 16 casos, em 2018; 2 casos, em 2019; e 3 casos, até então, em 2024) e cavalos (com 4 casos em 2018; e 2 casos, até então, em 2024). Portanto, as confirmações da raiva animal são ainda mais alarmantes e, no estado de Sergipe, esse monitoramento fica a cargo da Secretaria de Agricultura, demandando uma atuação integrada com a Secretaria de Saúde para uma vigilância de epizootia mais eficaz e consequente controle da doença.

Adentrando nas epizootias atrelada às arboviroses, a Febre do Nilo Ocidental e a Febre Mayaro não tiveram nenhum caso confirmado no estado de Sergipe. No entanto, a Febre Oropouche já é uma triste realidade, com a confirmação do primeiro caso na 25ª Semana Epidemiológica de 2024 (metade do mês de junho). De acordo com o GAL, até a 53ª SE, 34 casos positivos estão distribuídos em 7 municípios (de um total de 75 em todo o estado), sendo que a cidade de Siriri lidera a lista com 19 (56%) pessoas confirmadas para a doença<sup>14</sup>. O papel da vigilância é evitar que ocorra o ciclo silvestre, de difícil controle, em que se tem os bichos-preguiça e os Primatas Não Humanos como hospedeiros, além de, possivelmente, aves silvestres e roedores<sup>6</sup>.

## Proposta de ampliação da vigilância de epizootias

Está bem estabelecido que a atuação da vigilância epizootica de forma precisa interfere no controle das doenças, mas, para isso, é preciso sua estruturação. Desse modo, estruturou-se uma proposta de ampliação e o passo a passo para uma ação mais assertiva nos casos de epizootias no estado de Sergipe, segundo o Guia de vigilância de epizootias em primatas não humanos e entomologia aplicada à vigilância da febre amarela<sup>2</sup> e o Guia de Vigilância em Saúde<sup>3</sup>:

1. A partir da identificação de um animal morto (incluindo ossadas) ou doente, deve-se preencher a ficha de notificação (SINAN) e, em seguida, é necessário um registro no SISS-Geo (<https://sisgeo.lncc.br/apresentacao.xhtml>), ao mesmo tempo em que já se inicia a investigação da epizootia (obtendo o máximo de informação possível e averiguando sua veracidade);
2. Informar, imediatamente, via e-mail ou telefone, a Vigilância Estadual;
3. Colher amostras e enviá-las ao Laboratório Central de Saúde pública (LACEN) para o diagnóstico;
4. Avaliar a área da ocorrência quanto à presença de outros animais e mosquitos;
5. Avaliar junto à vigilância epidemiológica e entomológica as ações adicionais de: imunização, controle vetorial, comunicação e mobilização comunitária.

É importante ressaltar, que a atuação multiprofissional é um diferencial para o sucesso nas ações da vigilância de epizootias, articulando as redes de serviços. Ademais, essas funções devem ser executadas não somente nos casos notificados, mas, principalmente, em ações preventivas, de forma coordenada e integrada. Para isso, é fundamental saber quais os animais silvestres são mais frequentes no território; fazer uma caracterização ambiental; e traçar uma linha de cuidado (contemplando a limpeza do território e a delimitação do contato com os humanos).

Além disso, a capacitação profissional é uma medida importante que perpassa por todas essas etapas, para que se tenha uma qualificação das informações obtidas e um agir preciso em cada caso. Na esfera estadual, é necessário: cooperar nas ações junto aos municípios; dispor de um protocolo de vigilância; formular o plano de contingência; assegurar os imunizantes (em contato com o Ministério da Saúde); garantir os insumos suficientes (EPI, seringas, agulhas e etc.); e obter uma estruturação da rede de laboratório.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo evidenciou as ocorrências das epizootias no estado de Sergipe e foi perceptível uma baixa qualidade nos registros, derivando em informações “ignoradas e ou em branco”. Além disso, houve divergências entre os bancos de dados, demandando limpeza dos mesmos.

Dentre as doenças, a raiva animal foi a que mais se destacou negativamente. Outra epizootia, a Febre Oropouche, foi introduzida, em junho de 2024, no território sergipano, com 34 casos confirmados em humanos e demandando de ações eficazes para conter o início do ciclo silvestre. Este fato reforça a importância do papel da vigilância em saúde, em prevenir novos casos da doença, ao passo em que se destaca a importância da vacinação para o controle da febre amarela.

Conclui-se, portanto, pela necessidade de intensificar o processo de educação em saúde para a comunidade, com o propósito de conscientizar quanto à importância da vacinação e, também, aperfeiçoar sua interação com a fauna e flora. Do mesmo modo, a educação permanente, enquanto prática fundamental para a atualização e a qualificação dos profissionais de saúde, precisa incluir conteúdos e orientações acerca das epizootias, com o propósito de gerar informações de qualidade. Por fim, as estratégias de informação e educação em saúde sobre animais que mais se relacionam com as epizootias, como cães, macacos e cavalos, são necessárias para evitar a propagação das doenças, tal como uma atuação integrada com a vigilância entomológica para o controle vetorial.

## REFERÊNCIAS

1. Ministério da Saúde (BR). Portaria n.º 1.271, de 6 de junho de 2014. Define a Lista Nacional de Notificação Compulsória de doenças, agravos e eventos de saúde pública nos serviços de saúde públicos e privados em todo o território nacional, nos termos do anexo, e dá outras providências [Internet]. Diário Oficial da União [Internet], 7 Nov 2014. [acesso em 20 out 2024]. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt1271\\_06\\_06\\_2014.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt1271_06_06_2014.html).
2. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. Guia de vigilância de epizootias em primatas não humanos e entomologia aplicada à vigilância da febre amarela [Internet]. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. 2. ed. atual. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. [acesso em 20 out 2024]. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3206914/mod\\_resource/content/2/FEBRE%20AMARELA%202017.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3206914/mod_resource/content/2/FEBRE%20AMARELA%202017.pdf).
3. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Departamento de Ações Estratégicas de Epidemiologia e Vigilância em Saúde e Ambiente. Guia de vigilância em saúde: volume 2 [Internet]. 6. ed. rev. Brasília: Ministério da Saúde, 2024. [acesso em 25 abr 2024]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/svsa/vigilancia/guia-de-vigilancia-em-saude-volume-2-6a-edicao/view>.
4. Ministério da Saúde (BR). Portaria n.º 782, de 15 de março de 2017. Define a relação das epizootias de notificação compulsória e suas diretrizes para notificação em todo o território nacional [Internet]. Brasília: MS; 2017. [acesso em 26 jul 2024]. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0782\\_16\\_03\\_2017.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0782_16_03_2017.html).
5. Organização Pan-Americana da Saúde. Organização Mundial da Saúde. Atualização epidemiológica: Encefalite Equina do Oeste na Região das Américas, 10 de janeiro de 2024 [Internet]. Washington: OPAS/OMS; 2024. [acesso em 26 jul 2024]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/documentos/atualizacao-epidemiologica-encefalite-equina-do-oeste-na-regiao-das-americas-8-fevereiro#:~:text=fevereiro%20de%202024-,Atualiza%C3%A7%C3%A3o%20epidemiol%C3%B3gica%20%2D%20Encefalite%20Equina%20do%20Oeste%20na%20Regi%C3%A3o%20das%20Am%C3%A9ricas,8%20de%20fevereiro%20de%202024&text=Trata%2Dse%20de%20uma%20nova,casos%20de%20EEO%20em%20humanos>.
6. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. NOTA TÉCNICA N.º 6/2024-CGAR/DEDT/SVSA/MS. Orientações para a vigilância da Febre do Oropouche [Internet]. [acesso em 26 jul 2024]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/notas-tecnicas/2024/nota-tecnica-no-6-2024-cgarb-dedt-svsa-ms>
7. Ministério da Saúde (BR). Febre Mayaro. Vigilância. Vigilância de Epizootias [Internet]. [acesso em 18 out 2024]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/f/febre-do-mayaro/vigilancia>.
8. Ministério da Saúde (BR). Raiva [Internet]. [acesso em 19 out. 2024]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/r/raiva>.
9. Araújo HM. Cobertura Vegetal. In: Santos VM, Araújo HM. Geografia de Sergipe. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe/CESAD; 2012. [acesso em 19 out. 2024]. Disponível em: [https://web.archive.org/web/20200918132303/https://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/14341816012013Geografia\\_de\\_Sergipe\\_Aula\\_7.pdf](https://web.archive.org/web/20200918132303/https://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/14341816012013Geografia_de_Sergipe_Aula_7.pdf)
10. Platão. A república. Livro VII. São Paulo: Nova Cultural; 1999.
11. Casali FT, Minucci GS, Meira ALP, Souza LPS. Análise das características epidemiológicas da febre amarela em um estado da Região Sudeste do Brasil. *Enferm. Actual Costa Rica* 2019; n.37:50-65.

12. Vasconcelos PF da C, Travassos da Rosa JFS, Travassos da Rosa AP de A, Dégallier N, Pinheiro F de P, Sá filho GC. Epidemiologia das encefalites por arbovírus na amazônia brasileira. Rev. Inst. Med. Trop. São Paulo 1991; 33(6):465-76.

13. Araújo R dos S. Profilaxia da peste. Rev. Soc. Bras. Med. Trop. 1967; 1(6):327-36.

14. Ministério da Saúde. Oropouche [Internet]. [acesso em 19 out 2024]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/o/oropouche>.

---

## ABSTRACT

**Objective:** To describe epizootics in the state of Sergipe from 2019 to 2023 and to create a proposal to expand epizootic surveillance in the state. **Methods:** Descriptive study with a quantitative approach, based on data from the Notifiable Diseases Information System exported from the Health Department of the state of Sergipe at the end of the 41st Epidemiological Week. In addition, data on animal rabies and Oropouche Fever available on the website of the Ministry of Health and on the state Laboratory Environment Manager were used. The DATASUS TABWIN tools and Microsoft Excel were used to tabulate the total number of cases per year. **Results:** Low quality of reporting was noticeable, and only four cases of epizootic investigations were recorded between 2019 and 2023. In addition, two cases were recorded as suspected for Yellow Fever in the same period. The state of Sergipe has not had any occurrence of viral circulation of Western, Eastern and Venezuelan Equine Encephalomyelitis, nor of Plague, West Nile Fever and Mayaro Fever. However, rabies is the disease that most affects animals and in 2024, so far, there have been three positive cases in cattle and two in horses. Furthermore, for Oropouche Fever there have already been 34 positive cases in humans. **Conclusion:** It is necessary to intensify the health education process for the community, with the purpose of raising awareness of the importance of vaccination, reinforcing the importance of vaccination for controlling yellow fever, improving the process of continuing education for health workers and reinforcing the role of health surveillance, in order to prevent new cases of epizootics in the state of Sergipe.

**Keywords:** Environmental Health Surveillance; Health Surveillance System; Animal Diseases.

## RESUMEN

**Objetivo:** Describir las epizootias en el estado de Sergipe, de 2019 a 2023, y crear una propuesta para ampliar la vigilancia de las epizootias en el estado. **Métodos:** Estudio descriptivo, con abordaje cuantitativo, basado en datos del Sistema de Información de Enfermedades de Declaración Notificable exportados por la Secretaría de Salud del estado de Sergipe al final de la 41ª Semana Epidemiológica. Además, se utilizaron datos sobre rabia animal y fiebre de Oropouche disponibles en el sitio web del Ministerio de Salud y del Gerente Ambiental del Laboratorio estatal. Para tabular el número total de casos por año se utilizaron las herramientas DATASUS TABWIN y Microsoft Excel. **Resultados:** Se notó una baja calidad de notificación y solo se registraron cuatro casos de investigaciones epizooticas entre 2019 y 2023. Además, se registraron dos casos como sospechosos de Fiebre Amarilla en ese mismo período. El estado de Sergipe no tuvo ocurrencia de circulación viral de Encefalomiелitis Equina Occidental, Oriental y Venezolana, ni de Peste, Fiebre del Nilo Occidental y Fiebre de Mayaro. Sin embargo, la rabia es la enfermedad que más afecta a los animales y en 2024, hasta entonces, habrá tres casos positivos en bovinos y dos en equinos. Además, de fiebre de Oropouche ya hay 34 casos positivos en humanos. **Conclusión:** Es necesario intensificar el proceso de educación en salud a la comunidad, con el propósito de concientizar sobre la importancia de la vacunación, reforzar la importancia de la vacunación para el control de la fiebre amarilla, mejorar el proceso de educación continua del personal de salud y reforzar el rol de vigilancia sanitaria, con el fin de prevenir nuevos casos de epizootias en el estado de Sergipe.

**Palabras clave:** Vigilancia Sanitaria Ambiental; Sistema de Vigilancia Sanitaria; Enfermedades de los Animales.